

VIDA Literária

O PRETO NO BRANCO

Os olhos são outros

Travamos relações numa carruagem do comboio das Beiras que chega de manhã a Santa Apolónia, já dia claro. Não percebi bem que profissão era a dele. Vagamente entendi que avaliava propriedades, era obrigado a sair bastantes vezes de Lisboa e tinha em qualquer rua da cidade, um escritório. Achei-o simpático, já grisalho, a cara com duas rugas fundas de cada lado e uma vaga expressão no olhar de cansaço e tristeza. E pareceu-me inteligente e com uma certa cultura. Em todo o caso ajudou-me a suportar a viagem nocturna, com a paragem em todas as estações do longo percurso. O comboio, roncoiro composto de *wagons* de mercadorias e só com duas carruagens de passageiros, vinha ainda por cima e como de costume, atrazado. Quando entramos na velha gare de Santa Apolónia já um claro sol matinal iluminava tudo. Ele estava de pé diante da janela e disse-me subitamente, num tom quase lírico:

— Já reparou na luz? É uma luz admirável, única, ténida e fresca ao mesmo tempo. É a luz de Lisboa, que eu não vi em qualquer outra parte. É essa luz uma das coisas que me faz adorar Lisboa, a minha cidade, onde tenho vivido sempre.

— O senhor é de Lisboa? — perguntel eu, por perguntar.

— Sim. Nasci em Lisboa, tenho vivido em Lisboa e aqui quero morrer.

— Então é dos «Amigos» da cidade?

— Não sou. Não sou sequer dum club de futebol. Sou um pobre homem meu caro senhor...

E fixava-me com os seus olhos cansados e tristes.

Depois, num fluxo de palavras que me surpreendeu, como quem sente a necessidade de se confessar, de dizer coisas profundamente sentidas, começou uma espécie de monólogo, a meia voz, que foi assim:

— Há quarenta anos que faço a mesma vida, sempre igual, sempre a mesma. Viajens como esta que fizemos juntos tenho feito muitas, muitas... Chegar de manhã já com sol alto, cansado da noite perdida, ansioso por voltar a casa, por reentrar nos meus hábitos, estar ao lado da mulher e dos filhos, até das coisas materiais do meu lar... Foi sempre para mim um contentamento, uma alegria... Eu moro num terceiro andar. Daqui a momentos vou chegar à porta de casa, na minha rua. De longe ainda, olho para as janelas. A do canto é a do meu quarto. A mulher, a esta hora, ainda dorme. A janela a seguir é a do quarto das minhas filhas que são duas mulheres hoje, a mais velha até vai casar, vai deixar-me para o mês que vem. Houve uma outra que já se foi e essa para sempre. Morreu o ano passado tinha quinze anos! O senhor não calcula os olhos com que eu via tudo — as loias que se abriam, os carros que passavam, o movimento, os electricos, as caras conhecidas. Dava-me vontade de gritar a tudo uns grandes «bons dias» de sorrir para os lolistas, anunciando-lhes a minha volta depois de uns dias de ausência. Há pouco falei-lhe na luz excepcional de Lisboa que sempre me encantou. A esta hora, ainda a distância, eu estou a ver a fachada da minha casa iluminada. Sei que ela bate, esplêndida, carinhosa, fresca, na janela do quarto das minhas raparigas, das que ficaram. Há uns vazes com flores na varanda que a luz beija. Há um beiral em telha antiga e escura, que ela transforma, dando-lhe um tom quente, amarelado e doirado. A empena do prédio fronteiro parece de cantaria nova, acabada de arrancar da pedreira e tenho até nos olhos o empedrado do passeio que ela ilumina. O senhor não calcula a alegria, a confiança, a espe-

rança que aquela luz dava ao meu coração! Era como se me trouxesse a certeza de que a minha vida seria sempre assim — pequena mas clara, trabalhosa mas alegre! Sempre com a mulher e as filhas lá em cima à minha espera, à espera do marido e do pai que voltava cansado da viagem, exausto, mas trazendo-lhe assegurada a alegria, o conforto, a continuação, a permanência... Mas o tempo rodou, senhor! A minha filha morreu, a outra vai casar. A mulher tem, como eu, os cabelos brancos. A idade trás consigo a doença. Queira Deus que ela tenha passado bem estas noites dos seus achaques que são vários. Enfim, é na-

tural. E a vida não é? Nascer, envelhecer, morrer é igual para todos, ninguém bem de que se queixar! Eu sei que vou chegar daqui a pouco à minha porta, como tantas, tantas vezes! A luz é a mesma senhor. A mesma maravilha. Mas — quero crer — que eu a vejo com outros olhos, que já não me alegro como me alegrava? Foi ela que mudou ou fui eu?

Calou-se. Reparei que tinha os olhos rasos de lágrimas. E, num murmúrio, ouvi-o ainda dizer:

— Porque razão isto é assim? As coisas ficam mas os olhos com que as vemos é que mudam... Até que se fechem de todo. É uma adaptação. Como o comboio tivesse parado e eu quisesse ver se apanhava um *taxi* livre, agarrei na minha maleta, despedi-me rápido e sai da gare, é certo, que um pouco triste. Sim, porque eu sentia também, que os olhos mudam, que são outros...

RÂMADA CURTO

Saudade... roxa saudade!

«Na nossa cantiga há sempre amargura e tristeza; amargura que lhe vem da saudade atávica, tristeza que lhe vem do mar das mil cores».

(O Folclore Açoreano — P. Tomás Borba)

A memória querida do venerando patriota, padre Tomás de Borba.

Está de luto a arte em Portugal! Vestem de roxo as ilhas dos Açores! Que se finou reliquia das maiores Na mais divina arte — a musical!

Se foi no munus seu sacerdotal, Conforto de almas, bênçãos e favores... A bondade a coroar tantos primores, Era, nesse velhinho, natural!

A terra do seu herço — ilha Terceira, A pranteá-lo eu sei que é a primeira Voz de coro que a todos entenece!

É que esse coro é Portugal cantando... E os anjos lá do seu acompanhamento Nossa «saudade»... feita agora pre!

R. CANTO E CASTRO JR.

PENSAMENTOS

La conscience est le meilleur livre de morale que nous ayons: c'est celui qu'on doit consulter le plus.

PASCAL

CONFIDÊNCIAS DUM ARTISTA

Almada, "aquele"

que não se confunde com nenhum "outro"

fala-nos das suas últimas obras



Almada, pintor de todos os tempos

José de Almada Negreiros continua a ser um nome de cartaz. A sua vincada personalidade que tanto se revela quando pinta, como quando escreve ou quando fala, dá-lhe sempre um lugar inconfundivelmente brilhante no nosso meio, por vezes bastante ingrato; e dar-lhe-ia outro meio qualquer que fosse mais largo, mais generoso e até também com maior concorrência de valores.

Os últimos trabalhos de Almada, os painéis a fresco das gares marítimas de Alcantara e da Rocha do Conde de Obidos, são duas provas notáveis das variadas faculdades desse artista que só sente que verdadeiramente vive

quando se entrega todo à execução duma obra. Engordou quando estava a pintar, afanosamente, os frescos da gare da Rocha.

O artista não se nega a fazer-lo. Vai primeiro buscar fotografias dos seis painéis da Rocha, cada um de 8m,25 por 4m; dá-nos depois uma pequena visão deles, a cores, em que estas surgem como sinfonia inspirada. O olhar deleita-se com os verdes esmeralda, os azuis cobalto, os violetas suaves e tantos outros tons maravilhosos, duma pureza e transparência invulgar. A concepção das figuras, a ideia que representam completa o quadro expressivamente.

— A pintura a fresco deve ter uma técnica especial. E supomos que não das mais fáceis. — comentámos.

— Fale-nos dos seus frescos e conte-nos a sua história, pois adivinhámos que a tem!

O artista não se nega a fazê-lo. Vai primeiro buscar fotografias dos seis painéis da Rocha, cada um de 8m,25 por 4m; dá-nos depois uma pequena visão deles, a cores, em que estas surgem como sinfonia inspirada. O olhar deleita-se com os verdes esmeralda, os azuis cobalto, os violetas suaves e tantos outros tons maravilhosos, duma pureza e transparência invulgar. A concepção das figuras, a ideia que representam completa o quadro expressivamente.

— A pintura a fresco deve ter uma técnica especial. E supomos que não das mais fáceis. — comentámos.

— Fale-nos dos seus frescos e conte-nos a sua história, pois adivinhámos que a tem!

Almada mostra-nos a sua fotografia no andaime de cinco pisos que lhe foi preciso levantar para a execução da obra. Andaime curioso, todo aparafusado que já utilizou na gare marítima de Alcantara.



Um dos «panneaux» de Almada Negreiros

— O fresco tem grande duração, não é assim?

— De facto! Na Roménia há pinturas a fresco que são milenárias. Desde que não haja infiltrações, não se deterioram nem com o Sol, nem com o vento, nem com o decorrer do tempo! Os painéis da Rocha estão bem defendidos por uma caixa de ar que evita qualquer infiltração. Já o mesmo não sucede com os de Alcantara, a meu pesar...

— Mas — insistimos — diga-nos então algo sobre a história desses seus trabalhos.

Almada relata-nos:

— Recibi a encomenda do meu trabalho de Alcantara do falecido eng. Duarte Pacheco que me estabeleceu até a verba que eu havia de receber pela sua execução. Aceitei-a.

— E quanto?

— Duzentos contos. E foi muito pouco, pois os encargos que me trouxe: grandes! Fiquei com a vida, nessa altura, embaraçada... Porém, Duarte Pacheco prometteu-me que me daria depois a compensação de uma encomenda idêntica para a Rocha.

— E cumpriu?

— Entretanto, morreu. Valeu-me o eng. Melo e Castro ter sido testemunha dessa promessa e, a seu tempo, a confirmar.

Perguntámos depois a Almada Negreiros quais foram as condições monetárias da execução do seu trabalho para a Rocha.

Diz-nos:

— Ai, já fui eu a fazer o preço, que foi bastante mais; mas não demasiado para a envergadura do trabalho que era e os encargos que comportava.

E num reparo:

(Continua na página seguinte)

10\$00 — O MAIS ENCANTADOR — 10\$00
ROMANCE FEMININO —
BRIGITTE SOLTEIRA

pela romancista mais querida da juventude feminina: BERTHE BERNARGE

A fim de tornar conhecido de todas as senhoras e meninas este magnífico romance, que vai na 3.ª edição, a PORTUGALIA EDITORA fez uma tiragem do 1.º volume de «BRIGITTE» em duas partes separadas, ao preço de 10\$00 cada, facilitando assim a sua aquisição

Remete-se para a província, PORTE GRATIS, contra a remessa de 10\$00 em selos ou vale de correio

A seguir: «BRIGITTE CASADA», a 10\$00

A venda nas boas livrarias — Pedidos à PORTUGALIA EDITORA, Av. da Liberdade, 13